

San Sebastián
pronta para celebrar
Javier Bardem

PÁGINA 3



Peça destaca a
saga do índio
Araribóia

PÁGINA 6



Flip anuncia sua
programação
completa

PÁGINA 7



2º CADERNO

Um olhar cosmopolita (e brasileiro)

Cineasta Sergio Tréfaut será homenageado com mostra completa de sua obra no Centro Cultural da Justiça Federal

Cineasta paulistano radicado na Europa desde jovem, Sergio Tréfaut não cheia a ser um nome muito conhecido do público em seu país natal, mas construiu uma sólida obra no audiovisual que agora passa em revista no Centro Cultural da Justiça Federal, na Cinelândia, com retrospectiva completa de sua filmografia. A mostra Regresso ao Brasil, que começa nesta quarta-feira (11), relembra a obra marcante de Tréfaut com ficções e documentários desde que se Tréfaut passou a viver fora do país em 1975, aos 10 anos de idade, depois que seu irmão foi preso e torturado pela ditadura.

A mostra conta com 11 sessões que serão apresentadas pelo diretor, seguidas de debates com grandes nomes do cinema nacional, como Lucia Murat, Helena Solberg, Sandra Kogut, Amir Labaki, Beth Formaggini, Karen Harley e Edgar Moura.

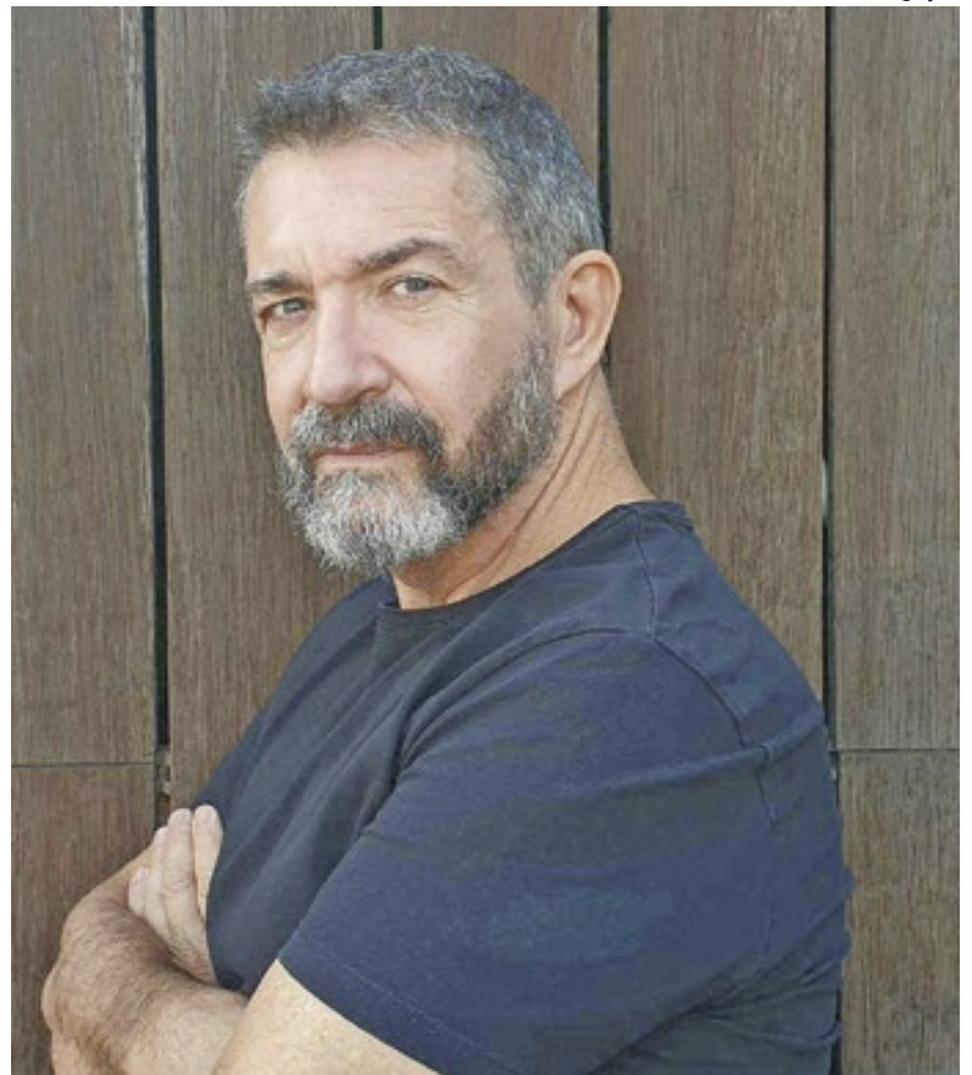
Os filmes exibidos são multipremiados como “Outro País” (1999), documentário de estreia sobre a Revolução dos Cravos (atualmente exibido por todo o mundo por comemoração do cinquentenário da revolução); “Fleurette” (2002), perturbador testemunho sobre relações familiares; “Lisboetas” (2004),

retrato incontornável dos imigrantes em Portugal neste milênio; até seu mais recente “A Noiva” (2022), retrato misterioso das noivas do Estado Islâmico, cuja estreia mundial foi no Festival de Veneza.

O primeiro filme exibido na Mostra, no dia 11 de setembro será “Outro País”, que através dos olhares de fotógrafos e cineastas como Sebastião Salgado e Glauber Rocha trata do levante que resultou na queda da ditadura militar portuguesa.

Nosso crítico de cinema, Rodrigo Fonseca, comenta a relevância do trabalho de Sergio Tréfaut: “Encontra-se sempre uma centelha do trágico nas narrativas construídas por Tréfaut em sua forma de borrar as fronteiras entre realidade e ficção, por vezes amalgamando as duas, de olho nas fantasmagorias que nos assombram, seja pela via da brutalidade (como em “A Noiva”) ou pela vereda do encantamento (“Alentejo, Alentejo”). Com “Raiva”, construiu um trabalho de requinte gracilamente plástico, muitas vezes comparado a “Vidas Secas”, singular no uso do preto e branco, que lhe serve como cartão de visitas para seu cinema de investigações do peso do Tempo sobre as permanências da vida”.

Continua na página seguinte



Sebastião Salgado



Com uma narrativa construída a partir de imagens de fotógrafos como Sebastião Salgado, o documentário ‘Outro País’, de Sergio Tréfaut, explora o trata do levante popular que resultou na queda da ditadura militar portuguesa

Divulgação

Uma carreira ao largo das escolas de cinema

Sem passar por escolas de cinema, Tréfaut formou-se em filosofia na Universidade de Sorbonne, em Paris, e começou a carreira como jornalista em Lisboa, antes de se afirmar como produtor e diretor a partir da década de 1990. Praticamente todos os seus filmes (documentários e ficções em várias línguas) são retratos coletivos, retratos de comu-

nidades, retratos a várias vozes, que nos levam ao Egito, à Ucrânia, ao Iraque, aos campos de extermínio nazistas na Polónia, aos jardins do Palácio do Catete e, sobretudo, a Portugal.

Sua obra foi premiada em diversos festivais internacionais como Moscovo, Biarritz (Fipadoc), São Francisco, Documenta Madrid, Gigón, Les Écran Documentaires, Indielisboa, Doclisboa, Sevi-

lha, Uruguai, Perugia, etc.

“Raiva”, a sua ficção de maior sucesso, estreou no Brasil em 2019, ganhou o Globo de Ouro (Portugal) de melhor filme do ano e de melhor atriz. Também recebeu seis prêmios Sofia atribuídos pela Academia Portuguesa de Cinema: melhor filme, melhor ator, melhor atriz, melhor ator secundário, melhor fotografia, melhor roteiro adaptado.

Todos os seus filmes foram exibidos em festivais brasileiros, como a Mostra de São Paulo, o Festival do Rio e É Tudo Verdade, entre outros.

SERVIÇO

REGRESSO AO BRASIL

Centro Cultural da Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 - Centro)

De 11/9 a 11/10

Divulgação



A Noiva

Divulgação



Lisboetas

Divulgação



A Cidade dos Mortos

Filmes da programação

11/9

*OUTRO PAÍS (1999, 70', documentário). Debate com Amir Labaki - A Revolução Portuguesa (1974-75) vista por alguns dos maiores fotógrafos e cineastas internacionais que testemunharam o evento. Um documentário que revela arquivos históricos excepcionais.

*FLEURETTE (2002, 80', documentário). Debate com Helena Solberg - Uma história de família invulgar. Sérgio tenta compreender o passado de sua mãe, Fleurette, de 79 anos. Apesar da sua resistência inicial, pouco a pouco, Fleurette vai revelando quase uma outra vida.

18/9

*RAIVA (2017, 85', ficção). Debate com Karen Harley - Alentejo, 1950. Nos campos desertos do Sul de Portugal, marcados pelo vento, pela miséria e pela fome, a violência explode de repente. Raiva é um conto negro sobre o abuso e a revolta.

*TREBLINKA (2016, 61', ficção, ensaio). Debate com Sandra Kogut - Filmado entre a Rússia, a Ucrânia e a Polónia. Um trem-fantasma a caminho dos campos de extermínio. As vozes dos sobreviventes relatam o que não é possível mostrar.

25/9

*LISBOETAS (2004, 100', documentário). Debate com Consuelo Lins - Um documentário musical sobre a onda de imigração que mudou Portugal no virar do século. Falado em 14 idiomas, Lisboetas é uma janela aberta para novas realidades: modos de vida, mercados de trabalho, direitos, cultos religiosos, identidades da imigração.

*VIAGEM A PORTUGAL (2011, 75', ficção). Debate com Edgar Moura - 24 horas num aeroporto português. Entre todos os passageiros do seu avião, Maria, uma jovem ucraniana, é a única a ser detida pela polícia. A situação transforma-se num pesadelo quando a polícia percebe que o homem que a espera é senegalês. Imigração ilegal? Tráfico humano? Tudo é possível.

2/10

*A CIDADE DOS MORTOS (2009, 62', documentário). Debate com Beth Formaggini - A Cidade dos Mortos, no Cairo, é a maior necrópole do mundo. Um milhão de pessoas vivem dentro dos cemitérios, onde há de tudo: padarias, cafés, escolas, teatros de fantoche. A Cidade dos Mortos é gigante mas funciona como uma pequena aldeia.

*WAITING FOR PARADISE (2009, 14', curta-metragem) - Todas as semanas celebram-se casamentos na Cidade dos Mortos. São festas que duram vários dias, sempre dentro do cemitério.

*ALENTEJO, ALENTEJO (2013, 98', documentário).

Debate com Quito Pedrosa - Este filme contribuiu para que o Cante Alentejano fosse declarado Patrimônio Imaterial da Humanidade pela Unesco. No Sul de Portugal, dezenas de grupos corais amadores reúnem-se para entoar antigos cantos polifônicos.

9/10

*PARAÍSO (2021, 85', documentário). Debate com Ana Rieper - Um grupo de cantores amadores reúne-se todos os dias nos jardins do Palácio do Catete, antiga sede da Presidência do Brasil. Ao cair da tarde, homens e mulheres quase centenários revelam o sentido da vida através de antigas canções de amor.

*ALCIBIADES (1992, 26', curta-metragem) . Debate com Marcelo Gomes - Fábula musical inspirada no Banquete de Platão. Num monólogo sem pudor, o jovem Alcibiades confessa as suas estratégias para conquistar o filósofo Sócrates – certo de que o saber pode ser transmitido por contato físico.

11/11

*A NOIVA (2022, 81', ficção). Debate com Lucia Murat - Uma adolescente europeia foge de casa para casar com um guerrilheiro do Daesh. Torna-se uma noiva da Jihad. Três anos mais tarde a sua vida mudou dramaticamente. Vive num campo de prisioneiros no Iraque. É mãe de dois filhos e está grávida outra vez. Mas agora é uma viúva de 20 anos e será brevemente julgada pelos tribunais iraquianos.

Festival espanhol que inaugura sua 72ª edição no dia 20 de setembro presta tributo ao astro, que atrai holofotes no streaming brasileiro com 'O Bom Patrão'

Javier Bardem sob as bênçãos de San Sebastián

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã



Prestes a regressar às telas, via streaming, à frente da série “Monstros: Irmãos Menendez: Assassinos dos Pais”, no ar na Netflix a partir do dia 19, Javier Ángel Encinas Bardem tem um compromisso pela frente com o Festival de San Sebastián, em sua Espanha natal, que está há um ano atrasado. Em 2023, ele foi escalado para receber o prêmio honorário que é dado pelo evento, o troféu Donostia, mas teve que adiar sua participação na cerimônia de entrega em respeito à greve promovida por atrizes e atores de Hollywood, num pleito por melhorias das condições profissionais.

A classe fez sua luta e conquistou mais (e melhores) direitos sob os auspícios de estrelas do porte de Bardem, que será visto em breve ao lado de Brad Pitt no thriller esportivo “F1”. No próximo dia 20, San Sebastián inaugura sua 72ª edição com a projeção de “Emmanuelle”, de Audrey Diwan. Ao que tudo indica, a australiana Cate Blanchett, escalada para receber um dos Donostias de 2024, estará no abre-alas da maior maratona cinéfila de língua espanhola.

Javier vai lá também, defender a potência de seu país nas telas. Na ativa desde 1986, ele o astro esteve no festival basco pela última vez em 2021, agitando a competição oficial com “O Bom Patrão”, comédia inédita em circuito brasileiro que está hoje em cartaz na plataforma Disney Plus.

A comédia ‘O Bom Patrão’, estrelada por Bardem e laureada com o Goya, pode ser vista no streaming da Disney+

“Muitos crimes são cometidos em nome da honra, mas, no caso do meu personagem nesse divertido longa, estamos falando de um sujeito que só pensa em si”, disse Bardem ao Correio, ao falar da produção dirigida por Fernando León de Aranoa.

Indicada à Concha de Ouro de San Sebastián, esta deliciosa cartografia do capitalismo selvagem conquistou o troféu Goya, o Oscar da Espanha, em cinco categorias. Teve prêmio de melhor filme, direção, roteiro original, montagem, trilha sonora e ator, dado a Javier, que foi oscarizado por Hollywood há 16 anos. Ele ganhou a estatueta americana como melhor coadjuvante por

“Onde os Fracos Não Têm vez”, dos irmãos Joel e Ethan Coen.

“Um bom roteiro é um presente para um ator. E foi o que encontrei aqui ao falar de um homem cujo código particular de conduta profissional é uma simples desculpa para seu abuso de poder, para atropelar os direitos fundamentais de seus funcionários, para abusar da boa vontade de seus contratados. Encarnei uma pessoa antiética para que possamos, pelas vias do humor, entender a perversidade desse tipo de gente. Mas essa doença que ele encarna vem do olhar do Fernando (León de Aranoa), um diretor com quem tenho história”, disse Bardem, em resposta ao Correio, em San Sebastián, ao falar so-



bre sua parceria com o diretor de “Segundas-Feiras ao Sol”, lançado no Brasil em 2003.

Sintonizado com a tradição do cinema político europeu dos anos 1970, como o italiano “A Classe Operária Vá ao Paraíso” (Palma de Ouro em 1972), “El Buen Patrón” (título original) dá a Bardem seu melhor papel desde “Buitiful”, drama de Alejandro González Iñárritu pelo qual ganhou o prêmio de melhor interpretação em Cannes, em 2010. Sob a direção de Aranoa, ele vive Hernán Blanco, sujeito vil que explora os operários de uma metalúrgica, fazendo-se passar por um pai para seus empregados. Ele disfarça seu sexismo numa postura avessa a práticas machis-

tas, mas abusa das mulheres que o cercam, em nome do prazer. Uma funcionária (Almudena Amor) vai ser alvo de sua lábria, abrindo precedente para uma discussão sobre desrespeito e inequidade de gêneros no ambiente profissional. “Blanco acredita que o êxito profissional é uma desculpa para seus abusos”, disse o ator.

San Sebastián vai entregar um terceiro Donostia este ano: o ganhador será Pedro Almodóvar. O realizador de “Fale Com Ela” (2002) vai exibir por lá “O Quarto Ao Lado” (“The Room Next Door”), melodrama sobre eutanásia com o qual conquistou o Leão de Ouro de Veneza no sábado passado.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Xuxa selecionou 10 faixas nunca lançadas em álbum

Xuxa assina com a Som Livre e lança álbum inédito

Após oito anos do álbum “XSPB 13”, Xuxa Meneghel está de volta à gravadora Som Livre e anunciou que já tem um novo projeto. O álbum chamado “Raridades X” chega ao mercado no próximo dia 24. A apresentadora, que agora tem um quadro no Fantástico, contou que o projeto nasceu a partir das cobranças do fãs e

avisa que não pensa em retomar a carreira musical.

“O álbum não foi pensado como um retorno à música, mas para fazer um carinho para os fãs que cresceram comigo. É para esse público que nunca quero deixar de fazer algo”, disse. “Raridades X” terá dez faixas disponibilizadas em especiais de TV, filmes e no Xou da Xuxa.

Revolta

Filho de Chester Bennington, Jaime Bennington usou as redes para criticar duramente a entrada da vocalista Emily Armstrong no Linkin Park, cargo que até 2017 era ocupado por Chester que se suicidou, provocando o fim da banda na ocasião.

Revolta II

Jaime dirigiu seus ataques a Mike Shinoda, o cofundador do Linkin Park. “Você tem apagado discretamente a vida e o legado do meu pai em tempo real durante o mês internacional de prevenção ao suicídio”, atacou na postagem.

Uso indevido

Jack e Meg White, ex-integrantes da The White Stripes, estão processando Donald Trump após o candidato utilizar “Seven Nation Army” em sua campanha. “Nem pense em usar minha música, seu fascista”, escreveu o músico em seu Instagram.

Veloz e furioso

Ator de filmes da franquia “Velozes e Furiosos”, Tyrese Gibson foi preso durante audiência referente ao pagamento de pensão alimentícia à sua filha, recusando-se a cumprir a determinação de pagar US\$ 10 mil mensais à herdeira.



Reprodução TV Globo

A escolha da ex-BBB Ana Clara para comandar o reality musical é considerada pela cúpula da emissora um dos maiores acertos da atração

O copo meio cheio ou **meio vazio?**

Com audiência abaixo do esperado na TV, reality ‘Estrela da Casa’ é sucesso no Globoplay

Por Gabriel Vaquer (Folhapress)

Se na TV a audiência não é boa, na internet o reality show Estrela da Casa vem cumprindo o que a Globo esperava. Prestes a completar um mês no ar, o programa é um sucesso no serviço de streaming da empresa carioca.

Segundo dados obtidos pela repoprtagem, o Estrela foi o segundo produto mais visto no Globoplay no último fim de semana, entre 6 e 8 de setembro. Ficou atrás apenas de “Renascença”, novela das nove, que teve seu derradeiro capítulo exibido na última sexta-feira (6).

Neste mês, o Estrela da Casa é o terceiro produto mais visto, atrás de “Renascença” e “Os Outros 2”. Internamente, a expectativa é que, com o começo da reta final do reality show - ele termina no início de outubro -, os índices tanto na TV como no streaming se elevem mais.

Com 27 episódios exibidos até o momento, o Estrela da Casa tem média de 12 pontos de

audiência na Grande São Paulo.

Seus melhores resultados até aqui são nas noites de segunda-feira, com duração mais curta, em exibição após a novela das nove. São 16 pontos de média até agora. Cada ponto equivale a 191 mil pessoas.

O pior dia tem sido a quarta-feira, quando é transmitido mais tarde, após o futebol: oito pontos. No último domingo (8), o Estrela da Casa venceu a reestrela do Show do Milhão no SBT. A Globo marcou 9 pontos, enquanto o SBT obteve 7.

O reality também cumpriu uma outra meta desejada pela Globo, que era a de ser um êxito comercial. Todos os patrocínios comerciais foram fechados, com arrecadação acima dos R\$ 300 milhões. A repercussão na internet das músicas lançadas semanalmente também vem agradando à cúpula do canal. Algumas delas, lançadas pelo cantor Lucca, já acumulam 500 mil visualizações no YouTube.

Ana Clara Lima, em sua primeira experiência com um rea-

lity show na Globo, é considerada o grande acerto do programa dentro da Globo. Seu desempenho é bastante elogiado.

Rapper eliminado

O rapper Ramalho foi o quarto eliminado do Estrela da Casa, na noite de terça-feira (9). Ele recebeu 17,46% dos votos para continuar, contra 34,68% de Leidy Murilho e 47,68% de Matheus Torres.

Paulista de Jacareí, Ramalho perdeu o pai, um cantor que se apresentava em bares, quando tinha seis anos. Fã de rap e especialmente do grupo Racionais, ele já participou de batalhas de rimas e descobriu o talento como compositor.

Já teve raps elogiados por artistas como Ferrugem, Edi Rock e Dexter.

No Instagram, a equipe do participante do reality disse que ele aprendeu muito nas semanas de confinamento e conquistou visibilidade para a sua arte. “Nunca é o fim, é apenas o começo”, declarou a equipe.



Por Affonso Nunes

O rock está no nome do festival, mas já faz tempo que o Rock in Rio extrapola as fronteiras deste gênero musical para se transformar numa festa global da música, com sonoridades que falam de perto a várias tribos. E uma das novidades desta edição comemorativa de 40 anos do festival é a cantora portuguesa Carminho, uma das mais expressivas vozes do fado contemporâneo. Ela se apresenta no próximo dia 20 no palco Global Village e depois segue em turnê pelo Brasil com shows em São Paulo, Fortaleza e Florianópolis.

Talvez seja preciso ser português para explicar que para eles o fado é muito mais do que um estilo musical. É uma expressão viva da alma da nação - uma expressão profunda de sentimentos e emoções e com fortíssimos vínculos ao jeito português de ser.

Nascido nas vielas de um dos bairros mais antigos de Lisboa, a Alfama, o fado se caracteriza por versos melancólicos em melodias de grande riqueza harmônica. A interpretação vocal profunda normalmente tem o acompanhamento da guitarra portuguesa e da viola. A palavra “fado” deriva do latim “fatum”, que significa “destino”, e as letras das canções costumam explorar temas como o amor, saudade, vida e morte.

O fado é tradição, mas também um gênero vivo a se transformar e evoluir com o passar dos anos embora seja fiel às raízes. E assim é a música de Carminho, intérprete vigorosa que domina esse estilo com maestria desde a infância. Cantora e compositora, a portuguesa tem sucessos como “Meu Amor Marinheiro” e “Chuvvas no Mar”. Nesta turnê em terras brasileiras, o público terá a oportunidade de conferir todas as nuances do repertório da artista, que inclui clássicos do fado e suas canções autorais, incluindo músicas de “Portuguesa”, seu sexto álbum de carreira, lançado no ano passado.

O show marca a volta da cantora ao Brasil após uma extensa turnê pelo país no ano passado. Carminho revela que veio ao Brasil pela primeira vez em 2003, aos 19 anos, de navio. Em quase duas décadas de carreira, já gravou ao lado de nomes como Chico Buarque, Caetano Veloso e Mari-

O fado de ontem, hoje e sempre

Um dos grandes nomes da música portuguesa, Carminho se apresenta no palco Global Village, do Rock in Rio

Fernando Thomaz/Divulgação

Carminho é uma das responsáveis por trazer um frescor ao gênero desde o final dos anos 2000, mas rejeita o rótulo de fado moderno



sa Monte. “Chuva no Mar”, de Marisa e Arnaldo Antunes, estará no setlist, assim como “O Quarto”, que integra a trilha sonora do premiado filme “Pobres Criaturas”.

A ligação da cantora com o Brasil tornou-se ainda mais estreita em 2016, ao receber um convite da família Jobim para gravar “Carminho canta Tom Jobim”, com a banda que acompanhou o maestro ao vivo nos seus últimos dez anos de vida. A relação de pertencimento com o Brasil, com o povo e com a língua, é algo muito presente na carreira dessa artista portuguesa.

“Cantar no Brasil é cantar em casa. Estou muito feliz em voltar ao país, onde tenho amigos queridos, tenho lugares que já são meus de alguma maneira. O álbum ‘Portuguesa’ é um retrato muito pessoal do fado, das minhas raízes e daquilo em que acredito. Vejo o fado como um instrumento que permite mostrar nossas tradições e, ao mesmo tempo, expressar uma visão contemporânea do mundo. Ele traduz um universo do qual nos sentimos parte”, diz ela.

Filha da também fadista Teresa Siqueira, a cantora de 40 anos é uma das responsáveis por trazer um frescor ao gênero desde o final dos anos 2000. Ela, no entanto, rejeita o rótulo de fado moderno. Recentemente, fez a música “Levo o meu barco no mar”, com Marcelo Camelo, para o disco “Portuguesa”. Das 14 faixas do álbum, é daquelas que grudam no ouvido à primeira audição. Carminho a considera um “hino transatlântico”.

“Marcelo Camelo é um dos compositores da língua portuguesa que eu mais admiro e que tive o privilégio de poder partilhar vários momentos de composição e de procura por uma canção. Na verdade, esta canção foi ele quem me enviou, porque senti que seria para mim. A construção do repertório tem a ver também com o gosto, com a linguagem, com o imaginário, não necessariamente precisa ser um fado tradicional na sua estrutura mais técnica”, comenta a cantora. “Há muitas canções que são fados reais, e para mim esta é um grande fado, não só pela forma como foi produzida, mas sobretudo pela essência que ela já tinha. Essência de superação e de persistência”, completa a cantora, dando a entender da universalidade deste gênero que defende com tanto talento.

SERVIÇO

CARMINHO

Rock in Rio (Cidade do Rock - Av. Embaixador Abelardo Bueno s/nº) 20/9, no palco Global Village
Ingressos: R\$ 795

Araribóia, o convertido que nunca se sentiu aceito

Matías Palma/Divulgação

Grupo Teatro Meteco conta a história do mítico indígena, sob a perspectiva dos habitantes originários da Baía de Guanabara

Figura essencial para a fundação das cidades do Rio e Niterói, o mítico indígena Araribóia é tema do espetáculo que o grupo Teatro Meteco apresenta no Teatro Glauce Rocha. Em “Procurando Araribóia”, os atores Gabriel Vaz, Gabriela Dyminski, Isadora Britto, Maíra e Nelson Gaia, sob a direção de Matías Palma, resgatam a memória histórica e cultural do Brasil pré-colonial e a contam pela perspectiva dos habitantes originários da Guanabara, desmistificando a narrativa oficial dos conquistadores.

Com uma linguagem satírica e utilizando-se de recursos do Teatro de Animação, a trama se passa no Brasil do século XVI e narra a jornada de vida de Araribóia, desde sua condição como um indivíduo comum até se tornar líder de seu povo, enfrentando decisões difíceis em prol de sua sobrevivência e, também, de suas próprias ambições.

Chileno radicado em Niterói desde 2006, o diretor Matías Palma conta que a escolha do personagem não foi acidental. Grande estrategista e guerreiro implacável, ele é o indígena mais importante na fundação do Rio de Janeiro e considerado o “pai fundador” de Niterói, onde quase toda a equipe do espetáculo reside. Porém, esse mito esconde o fato de que Araribóia se tornou um aliado dos invasores, transformando-se também no primeiro anti-herói do Brasil.

“Araribóia é uma figura controversa e que chama atenção por misturar dois mundos. Ele abraça os portugueses por motivações políticas. Araribóia é expul-



Utilizando recursos cênicos do Teatro de Animação, desenvolvido por Jacques Lecoq, meias-máscaras caracterizam mais de dez personagens arquetípos da sociedade da época

so de sua terra pelos Tamoios e, em sua diáspora, acaba adotando o cristianismo através do convívio com os jesuítas. No entanto, ao final de sua vida, ele confronta a realidade de nunca ter sido verdadeiramente aceito pelos europeus, apesar de ter se distanciado de sua cultura original”, conta.

A dramaturgia, escrita a seis mãos por Matías e pelos atores Gabriel e Isadora, que também são roteiristas de teatro e do audiovisual, se baseou em uma minuciosa pesquisa histórica, construída também na sala de ensaio, em um laboratório que teve início em 2021.

“Procurando Araribóia” traz uma proposta de montagem cênica de Teatro de Animação, moldada pelo teatro gestual desenvolvido por Jacques Lecoq, originado a partir da pantomima clássica na França e sua fusão com o teatro popular italiano. Confeccionadas pelo próprio diretor, 26 meias-máscaras são usadas para caracterizar os mais de dez personagens do espetáculo, seguindo a tradição da Commedia dell’arte italiana e aproveitando os arquétipos da própria sociedade para criar personagens reconhecíveis por todo o público.

A cenografia traz uma grande estrutura móvel de madeira, inspirada nas ca-

ravelas, que permite a interação com o movimento dos cinco atores. Projeções inspiradas nas sombras chinesas completam a narrativa visual da peça.

SERVIÇO

PROCURANDO ARARIBÓIA
Teatro Glauce Rocha (Av. Rio Branco 179 – Centro)
Até 22/9, às sextas e sábados (19h) e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia-entrada para povos originários e classe artística, além das obrigatoriedades por lei)

Tudo pronto para a **Flip 2024**

Divulgação Flip

Festa Literária de Paraty divulga programação completa com Felipe Neto e Mohamed Mbougar Sarr, entre outros

Por Walter Porto (Folhapress)

A Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) divulgou na manhã toda a programação principal de sua próxima edição, que acontece de 9 a 13 de outubro com curadoria da livreira e editora Ana Lima Cecilio.

Entre os nomes mais chamativos que a Flip ainda não havia anunciado, está o do influenciador Felipe Neto, que acaba de reunir uma multidão na Bienal do Livro de São Paulo com o novo livro de memórias “Como Enfrentar o Ódio”, da Companhia das Letras.

Outro destaque é o senegalês Mohamed Mbougar Sarr, vencedor do Goncourt com o elogiado “A Mais Recôndita Memória dos Homens”, que a Fósforo publicou no ano passado. Ele ainda é editado pela Malê, com “Homens de Verdade” e “Terra Silenciada”, e divide uma mesa em horário nobre do sábado com Jeferson Tenório, de “O Averso da Pele”.

A programação deste dia, tradicionalmente o mais lotado da Flip, termina com uma mesa solo de Édouard Louis, sensação da autoficção francesa que lança “Monique se Liberta”, sobre sua mãe, pela Todavia.

A abertura do evento, na quarta, homenageia o cronista João do Rio com um dos maiores conhecedores das vielas cariocas pelas quais ele flanou o historiador Luiz Antonio Simas, autor de “O Corpo Encantado das Ruas”.

Outras presenças que ainda não haviam sido divulgadas incluem a jornalista Patrícia Campos Mello, autora de “A Máquina do Ódio”; a argentina Gabriela Cabezón Cámara, de “As Aven-

turas da China Iron” e “Nossa Senhora do Barraco”, da editora Moinhos; a italiana Lisa Ginzburg, que circulou bem com seu “Cara Paz”, da Nós; e a chilena Arelis Uribe, de “As Vira-Latas”, lançamento da Bazar do Tempo.

Seguindo um padrão dos últimos anos, os convites internacionais ficaram centrados em editoras independentes. O único autor estrangeiro da Companhia das Letras será o americano Robert Jones Jr., especialista em James Baldwin e autor de “Os Profetas”.

A aguerrida Elefante comparecerá com três convidados: o palestino Atef Abu Saif, a espanhola Brigitte Vasallo e o americano Danny Caine, conhecido por sua oposição à Amazon. A mexicana Jazmina Barrera também vem pela Moinhos, o colombiano Juan Cárdenas está na DBA e o belga Mark Coeckelbergh é do catálogo da Ubu.

Entre os destaques brasileiros, estão a mineira Carla Madeira, a carioca Bruna Mitrano, o gaúcho José Falero, a paulista Mariana Salomão Carrara, o mato-grossense Joca Reiners Terron e o cacique Raoni que dividirá uma mesa com a jovem liderança indígena Txai Suruí.

É uma programação mais enxuta que a do último ano, com um total de 35 autores, 15 deles estrangeiros, sem contar uma mesa apresentada pela empresa de podcasts Rádio Novelo inspirada em João do Rio.

Em paralelo, a Flip está envolta em polêmica com as casas parceiras do evento, que foram inicialmente proibidas de vender livros. A organização do festival voltou atrás há pouco tempo, permitindo o comércio.



A 24ª edição da Flip está confirmada entre 9 e 13 de outubro

Programação oficial

QUARTA, 9/OUT

*19h30 - Mesa 1: As ruas têm alma: João do Rio, o convidado do sereno com Luiz Antonio Simas

QUINTA, 10/OUT

*10h - Mesa 2: A cidade contra nós com Bruna Mitrano + José Falero

*12h - Mesa 3: Da poeira que viemos com Léonora Miano + Eliana Alves Cruz

*15h - Mesa 4: A vida secreta das emoções com Ilaria Gaspari + Marcela Dantés

*17h - Mesa 5: Inventar na América Latina com Joca Reiners Terron + Juan Cárdenas

*19h - Mesa 6: Dormindo com o inimigo com Mark Coeckelbergh + Danny Caine

*21h - Mesa 7: Profecias do passado com Robert Jones Jr. + Evandro Cruz e Silva

SEXTA, 11/OUT

*10h - Mesa 8: A paz e o gesto



com Lisa Ginzburg + Ana Margarida de Carvalho

*12h - Mesa 9: Como enfrentar o ódio com Patrícia Campos Mello + Felipe Neto

*15h - Mesa 10: Saber o passado, mirar o futuro com Raoni + Txai Suruí

*17h - Mesa 11: Descobrimiento ao contrário com Micheline Verunschck + Odorico Leal

*19h - Mesa 12: Não existe mais lá com Atef Abu Saif + Julia Dantas

*21h - Mesa 13 | Zé Kleber: Rádio Novelo Apresenta ao Vivo. Apresentação: Branca Vianna e reportagens: Flora

Thomson-DeVeaux + Vitor Hugo Brandalise + Evelin Argentina + Natália

*Silva + Paula Scarpin. Música original: Stela Nesrine

SÁBADO, 12/OUT

*10h - Mesa 14: O amor político com Brigitte Vasallo + Geni Nuñez

*12h - Mesa 15: A eterna guerra dos sexos com Jazmina Barrera + Ligia Gonçalves Diniz

*15h - Mesa 16: Sagradas e profanas com Gabriela Cabezón Cámara + Arelis Uribe

*17h - Mesa 17: A memória dos homens com Mohamed Mbougar Sarr + Jeferson Tenório

*19h - Mesa 18: Anatomia do futuro com Édouard Louis

DOMINGO, 13/OUT

*10h - Mesa 19: Invenção e linguagem: o romance segue com Carla Madeira + Silvana Tavano + ariana Salomão Carrara

*12h - Mesa 20: A definir

Divulgação



Divulgação



Do palco para a **tela**

Artista plástico Fernando Mendonça expõe trabalhos criados ao vivo nos palcos durante shows da cantora Rita Benneditto

A exposição “Cantos, Cores e Telas - Tecnomacumba de Rita Benneditto pelo traço de Fernando Mendonça” está em cartaz no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica. Com curadoria do artista visual e músico Cabelo Cobra Coral, a mostra celebra os 20 anos do icônico projeto Tecnomacumba.

Reunindo 15 obras criadas pelo multiartista maranhense Fernando Mendonça, a exposição apresenta pinturas em tela e chapa acrílica que foram desenvolvidas ao vivo durante os shows de Rita Benneditto, capturando a energia e a essência do espetáculo. O processo de live painting é uma extensão da performance, onde Mendonça, amigo e parceiro de longa data de Rita, traduz em cores e formas as divindades e entidades evocadas pela can-



Rogério von Krüger/Divulgação

Fernando Mendonça pinta uma tela durante show Tecnomacumba, de Rita Benneditto, no Circo Voador; acima, telas criadas pelo artista plástico maranhense

tora em seu repertório, que mescla pontos e rezas de religiões de matrizes africanas com clássicos da MPB.

“Tecnomacumba” é um marco na carreira de Rita Benneditto, representando uma intervenção cultural e um manifesto de brasilidade que, ao longo de duas décadas, tem encantado públicos no Brasil e em países como Portugal, Hungria, França e Senegal. Com arranjos modernos e uma roupagem eletrônica, o projeto apresenta de forma inovadora canções que louvam as

entidades e símbolos da fé brasileira, consolidando-se como um fenômeno cultural que transcende o palco, chegando agora ao universo das artes plásticas.

A parceria artística entre Rita e Mendonça, que remonta aos tempos em que ambos viviam no Maranhão, ressurge com força nesta exposição, que oferece ao público a oportunidade de vivenciar a sinergia entre a música, a arte e a espiritualidade.

A exposição contará com tradução em

Libras, audiodescrição e legendas, garantindo que todos os visitantes possam desfrutar dessa imersão artística de forma inclusiva.

SERVIÇO

CANTO, CORES E TELAS
Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica (Rua Luís de Camões, 68 - Centro)
Até 5/10, de segunda a domingo (10h às 18h)
Entrada franca